



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## CITÂNIA E CITÂNIA.

CARDOSO, Mário

Ano: 1927 | Número: 37

---

### Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Citânia e citânia. *Revista de Guimarães*, 37 (1) Jan.-Mar. 1927, p. 24-26.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## Cinânia e Citânia

Muitas vezes tem sido lembrada e repetida a conhecida passagem de Valério Máximo, que parece tê-la transcrito de Lívio, referente à heróicidade dos defensores de Cinânia (deturpação de Cingínia, *oppidum* lusitano ainda não localizado) contra as hostes de Décimo Júnio Bruto. Reza o seguinte, no próprio latim, para não perder o sabor clássico: «Cum ei (Bruto) se tota paene Lusitania dedidisset, ac sola gentis eius urbs Cinginnia pertinaciter arma retineret, temptata redemptione, prope modum uno ore legatis Bruti respondit, *ferrum sibi a maioribus, quo urbem tuerentur, non aurum, quo libertatem ab imperatore avaro emerent, relictum.*» (Val. Max. — «*Factorum Dictorumque Memorabilium*», L. VI, cap. 4, § 1 — Ab ext.).

Vários autores, mal avisados, têm pretendido conceder à Citânia de Briteiros os louros dessa legendária e desconhecida Cingínia ou Cinânia, induzidos unicamente pela semelhança dos vocábulos, sem sequer reflectirem na existência de outros castros portugueses há muito conhecidos pelo nome de *Citânia*.

Entre os que advogaram com calor esta asserção conta-se o fantasioso Fr. Bernardo de Brito, na sua *Monarchia Lusitana* (1597), obra fértil em patranhas lidas ou inventadas, no dizer mordaz de Herculano. Já, antes dêle, Barros (1548), Morales (1575) e Resende (1593), pelo menos, se haviam referido a Cinânia, cometendo Ambrósio de Morales o êrro de a supôr na Gallaecia e não na Lusitânia, como quere Valério. Depois de Brito, Gaspar Estaço, mais probo e prudente, nas *Várias antiguidades de Portugal* (1625), sustenta opinião contrária, com argumentos de certo pêso, se bem que a Contador de Argote êles pareçam fúteis. Todavia, Argote segue também Estaço quando ressalva: «Com tudo, o estar situada Cinania onde hoje

vemos a pobre Aldea, e choças de Citania, o tenho igualmente por frívolo, *porque para isto se não allega fundamento algum mais, que a semelhança do nome, e esta alterada.*" (*Memorias do Arcebispado de Braga* — 1732).

Emílio Hübner, no Suplemento ao vol. II do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, na parte descritiva da Citânia de Briteiros, que antecede a relação das inscrições ali descobertas por Sarmiento, diz: "A palavra *Cinginia* vem mencionada nos melhores e mais antigos códices de Valério Máximo, bem como no epitome de Júlio Páris; os textos de somenos autoridade trazem *Cinrania*, *Cirania*, *Cininia*; só Guelferbytano, no séc. XV, na Itália, interpretou *Cytania*. Por fins do séc. XVI, alguns eruditos pretendiam que êste nome se referisse à Citânia portuguesa (de Briteiros). Mas tal afirmativa é insubsistente, porque esta última nem sequer pertencia à Lusitânia, mas sim à Gallaecia; além disso, muito embora possa atribuir-se a forma *Cinginia* quer à ignorância dos escritores antigos, quer a uma remota descrição do território, o certo é que desta palavra, ou de qualquer outra que tenha sido, com êsse radical, nunca podia derivar *Citânia*. E assim êste nome terá resultado de algum outro para nós desconhecido, *visto que o não podemos formar com o daquele oppidum lusitano referido pelos historiadores romanos.*"

A autoridade incontestável de Hübner aclara a questão e destrói a afirmação posta em curso sem uma base segura e séria. De resto, a mesma opinião de Hübner é perfilhada pelo maior investigador português do nosso tempo, Sr. José Leite de Vasconcelos. Diz êle, nas *Religiões da Lusitânia*: "Há nas edições de Valério Máximo variantes desta palavra (*Cinginnia*), por exemplo, *Cinninia*, etc., *que nada tem com Citânia, como alguns supuseram*". Finalmente o próprio Martins Sarmiento, glorioso explorador da Citânia, em carta dirigida ao mesmo Sr. J. L. de V., escreveu: "Só um escritor latino, que eu saiba, Val. Máximo, falla d'uma *Cinninia* (com variantes, parece), mas a applicação d'este nome à Citania é uma pura arbitrariedade".

Creemos que estas opiniões devem bastar e pesar um pouco mais que a do engenhoso frade de Alcobça,

no fim do séc. XVI, e de alguns outros letrados que depois lhe seguiram as pisadas. Se a lenda fôsse confirmada em vez de estar destruída há perto de meic século, lisonjeava realmente o nosso orgulho de minhotos que os citanienses (dos quais, porventura, ainda teremos alguma degenerada costela) houvessem cometido façanhas contra os Romanos, aqui a dois passos... muito embora tais feitos se tivessem passado há mais de dois milénios!

MÁRIO CARDOZO.